

TIMOTHY KELLER

deUSES FALSOS

**AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA**


VIDA NOVA

Tim Keller é um desses pastores-escritores com a capacidade única de articular, em forma de narrativa, temas bíblicos de vital importância. Aliás, é isso o que mais aprecio nesse livro. É incrível como Keller usa histórias bíblicas conhecidas de todos nós, para mostrar como seus personagens estavam roubando a glória de Deus por causa da idolatria. Recomendo esse livro a todos os cristãos. Tenho certeza de que, ao lê-lo, você perceberá que seus anseios transcendentais só podem ser satisfeitos pelo Deus transcendente.

Erik Raymond, pastor da igreja Redeemer Fellowship Church, em Boston, colunista do The Gospel Coalition e autor de *Gospel shaped outreach* e *Is hell for real?*

A sabedoria e o entendimento bíblicos de Keller, oferecidos em um texto claro e envolvente, podem ajudar tanto cristãos quanto não cristãos a identificar os ídolos que moram em seu coração e a substituir promessas vazias pela verdadeira esperança em Cristo.

World Magazine

Deuses falsos apresenta muitas informações úteis para o pastoreio da igreja local. Keller argumenta que os cristãos não podem entender a si próprios ou a cultura em que estão inseridos se não aprenderem a identificar esses falsos deuses.

Christianity Today

Tim Keller, como ninguém, sabe contar uma história bíblica. Assim como *Deus pródigo*, outro livro seu, *Deuses falsos* é centrado nas Escrituras. E cada vez que escuto uma história da Bíblia contada por Keller, tenho a impressão de que a estou ouvindo pela primeira vez.

Tim Challies, pastor, criador do site challies.com e autor dos livros *Desintoxicação sexual* e *Discernimento espiritual* (Vida Nova)

Deuses falsos destrói a conclusão arrogante de que a violação do primeiro mandamento era apenas um problema da Antiguidade. Aliando teologia bíblica a uma habilidade de cirurgião da alma adquirida ao longo de anos na moderna Manhattan, os diagnósticos do coração humano feitos por Keller não nos deixarão indiferentes.

David B. Garner, professor adjunto de Teologia Sistemática no Westminster Theological Seminary

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
Introdução: a fábrica de ídolos	11
UM	
Tudo o que você sempre quis	29
DOIS	
O amor não é tudo de que você precisa.....	47
TRÊS	
O dinheiro muda tudo	69
QUATRO	
A sedução do sucesso	91
CINCO	
O poder e a glória	111
SEIS	
Os ídolos ocultos em nossa vida.....	137
SETE	
O fim dos deuses falsos.....	163
Epílogo: descobrindo e substituindo seus ídolos.....	173
<i>Bibliografia</i>	187

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, agradeço a Jill Lamar, David McCormick e Brian Tart, equipe literária dos meus sonhos que sempre me incentiva e encoraja na produção de textos. Obrigado também a Janice Worth e Lynn Land, que me ajudam a sair para escrever todo verão.

Este livro analisa nossa cultura. Na minha idade, as pessoas costumam perder a sensibilidade por ela e, conseqüentemente, deixam de entendê-la. Meus filhos — David, Michael e Jonathan — me fazem feliz em mais sentidos do que sou capaz de enumerar. O que mais tem ligação com este livro é a observação sábia e perceptiva que eles têm dos ídolos dos universos em que estão inseridos e a disposição com que conversam comigo sobre eles, sem pressa e de maneira intensa. Rapazes, obrigado pelas caminhadas, jantares e pelo tempo em que apenas ficamos juntos. Respeito o fato de terem crescido amando a cidade e se tornado homens íntegros.

Quero agradecer à Kathy, que se empenhou trabalhando comigo no livro durante meses e nas ideias por trás dele durante anos. Devo lhe dizer o que John Newton escreveu para a esposa, Polly: não é de admirar que tantos anos, tantos gestos de carinho, tantos compromissos tenham produzido esse efeito incomum, em que, para mim, por um hábito de muito tempo, é quase impossível respirar sem que isso envolva você.

INTRODUÇÃO

A FÁBRICA DE ÍDOLOS

No mundo, existem mais ídolos que realidades.

FRIEDRICH NIETZSCHE, *Twilight of the idols*¹

Uma estranha melancolia

Depois do início da crise econômica global, em meados de 2008, houve uma série trágica de suicídios de pessoas outrora ricas e bem relacionadas. O diretor financeiro interino da Federal Home Loan Mortgage Corporation, empresa de crédito imobiliário também conhecida como Freddie Mac, enforcou-se no porão de sua casa. O dirigente executivo da Sheldon Good, uma das maiores empresas de auditoria imobiliária dos Estados Unidos, disparou uma arma contra a própria cabeça ao volante de seu Jaguar vermelho. Um gerente financeiro francês, responsável pelo investimento do patrimônio de muitas das famílias reais e importantes da Europa, que perdeu 1,4 bilhão de dólares dos clientes no esquema de pirâmide de Bernard Madoff, cortou os pulsos e morreu em seu escritório da avenida

¹Edição em português: *O crepúsculo dos ídolos*, tradução de Paulo César de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 2006).

Madison. Um executivo sênior dinamarquês do banco HSBC enforcou-se dentro do guarda-roupa de sua suíte, cuja diária custava 500 libras, em Knightsbridge, Londres. Quando um executivo do banco Bear Stearns soube que não seria contratado pelo JPMorgan Chase, comprador de sua empresa falida, ingeriu uma overdose de drogas e pulou do 29.º andar de seu prédio. Um amigo comentou: “O que aconteceu com o Bear Stearns [...] acabou com ele”.² Casos como esses tinham uma terrível semelhança com os suicídios após a queda estrepitosa da bolsa de valores em 1929.

Na década de 1830, quando Alexis de Tocqueville registrou suas famosas observações sobre a América, notou “uma estranha melancolia a assombrar os habitantes [...] em meio à abundância”.³ Os americanos acreditavam que a prosperidade poderia saciar-lhes o anseio por felicidade, mas era uma esperança ilusória, porque, acrescentou Tocqueville, “as alegrias imperfeitas deste mundo jamais satisfarão o coração [humano]”.⁴ Essa estranha melancolia se manifesta de diversas maneiras, mas sempre leva ao mesmo desespero de não encontrar o que se busca.

Há uma diferença entre tristeza e desespero. Tristeza é a dor para a qual existem fontes de consolação. Ela resulta da perda de algo bom entre várias coisas, de modo que, se você

²Todos esses suicídios ocorreram entre maio de 2008 e abril de 2009. Foram compilados no post de um blog disponível em: <http://copycateffect.blogspot.com/2009/04/recess-x.html>.

³*Democracy in America*, tradução para o inglês de George Lawrence (New York: Harper, 1998), p. 296 [edição em português: *A democracia na América*, tradução de Eduardo Brandão (São Paulo: Martins Fontes, 2000)], citado em Andrew Delbanco, *The real American dream: a meditation on hope* (Cambridge: Harvard University Press, 1999), p. 3.

⁴*Ibidem*.

experimentar um revés profissional, poderá achar consolo na família para atravessar a dor. O desespero, por sua vez, é inconso-lável, pois provém da perda de algo *essencial*. Quando você perde a fonte suprema de seu significado ou esperança, não existem fontes alternativas às quais se voltar. Isso acaba com você.

Qual é a causa dessa “estranha melancolia” que domina nossa sociedade mesmo em tempos de explosão de atividades frenéticas e que se converte em desespero absoluto quando a prosperidade diminui? Tocqueville diz que isso é consequência de obter uma “alegria imperfeita deste mundo” e de edificar toda a vida com base em tal alegria. Essa é a definição de idolatria.

Uma cultura repleta de ídolos

Para pessoas contemporâneas, a palavra *idolatria* remete a imagens de povos primitivos curvados diante de estátuas. O livro bíblico de Atos, no Novo Testamento, contém descrições vívidas de culturas do antigo mundo greco-romano. Cada cidade adorava suas divindades prediletas e construía santuários em torno das imagens delas para adoração. Quando foi para Atenas, Paulo viu uma cidade literalmente repleta de imagens de divindades (At 17.16). O *Partenon* ateniense dominava a paisagem, mas outras divindades estavam representadas em espaços públicos. Havia Afrodite, a deusa da beleza; Ares, o deus da guerra; Ártemis, a deusa da fertilidade e da prosperidade; Hefesto, o deus da arte.

Nossa sociedade contemporânea não difere muito dessas antigas. Cada cultura é dominada por um conjunto próprio de ídolos. Cada uma tem seu “sacerdócio”, seus totens e rituais. Cada uma tem seus santuários — sejam torres de escritórios, sejam *spas* e academias de ginásticas, sejam estúdios, sejam estádios — onde sacrifícios devem ser oferecidos com o intuito de

alcançar as bênçãos de uma boa vida e evitar desastres. O que são os deuses da beleza, do poder, do dinheiro e da realização, senão as mesmas coisas que assumiram dimensões míticas em nossa vida individual e em nossa sociedade? Talvez não dobremos os joelhos diante da estátua de Afrodite, mas muitas jovens hoje entram em depressão e enfrentam transtornos alimentares por causa de uma preocupação obsessiva com a imagem corporal. Podemos não queimar incenso a Ártemis, mas quando o dinheiro e a carreira profissional são elevados a proporções cósmicas, realizamos uma espécie de sacrifício de crianças, negligenciando a família e a comunidade para alcançar posição mais elevada nos negócios e obter mais riqueza e prestígio.

Depois que Eliot Spitzer, governador de Nova York, destruiu a carreira por seu envolvimento em um prostíbulo de luxo, David Brooks observou que nossa cultura tem produzido uma categoria de grandes empreendedores com sério “desequilíbrio relacionado à posição que ocupam”. Eles têm habilidades sociais para relacionamentos verticais, para melhorar sua posição diante de mentores e chefes, mas nenhuma habilidade para criar laços em relacionamentos horizontais com cônjuges, amigos e família. “Inúmeros candidatos à presidência dizem concorrer para defender a família, embora passem a vida inteira correndo atrás da campanha, longe da própria família.” À medida que os anos passam, chegam à constatação enfadonha de que “a grandiosidade que atingiram não basta e que se sentem solitários”.⁵ Muitos de seus filhos e cônjuges estão distantes deles. Assim, esses líderes buscam curar a ferida. Envolvem-se em casos amorosos ou tomam outras medidas desesperadas para remediar o vazio interior. Então, ocorre a desintegração da família ou o escândalo, ou ambos.

⁵ “The rank-link imbalance”, *New York Times*, March 14, 2008.

Eles sacrificaram tudo ao deus do sucesso, mas não foi suficiente. Na Antiguidade, as divindades tinham sede de sangue e eram difíceis de apaziguar. E continuam assim.

Ídolos do coração

Seria difícil defender essa ideia de maneira convincente na era da explosão das empresas “ponto com” e das bolhas imobiliárias e de ações dos últimos vinte anos. Todavia, o grande fiasco econômico ocorrido entre 2008 e 2009 expôs o que hoje é chamado de “cultura da ganância”. Muito tempo atrás, Paulo escreveu que a ganância não era um mau comportamento apenas. “Ganância [...] é idolatria” (Cl 3.5, NIV), escreveu ele. O dinheiro, conforme advertiu, pode assumir atributos divinos, e nossa relação com ele se aproxima então da adoração e da reverência.

O dinheiro pode se tornar um vício espiritual, e, como todos os vícios, ele esconde de suas vítimas as reais proporções que tem. Corremos mais e maiores riscos de alcançar uma satisfação cada vez menor com o que almejamos, até que venha o colapso. Quando começamos a nos recuperar, perguntamos: “O que estávamos pensando? Como pudemos ser tão cegos?”. Acordamos como alguém de ressaca que mal consegue se lembrar da noite anterior. Mas por quê? Por que agimos de maneira tão irracional? Por que perdemos completamente de vista o que é certo?

A resposta bíblica é que o coração humano é uma “fábrica de ídolos”.⁶

⁶O uso da idolatria como uma categoria importante para a análise psicológica e sociocultural ganhou importância de novo nos últimos quinze anos no mundo acadêmico. Primeiro houve o apogeu de Feuerbach, Marx e Nietzsche, que usaram o vocabulário da “idolatria” para criticar a religião e o próprio cristianismo, dizendo que a igreja criara Deus a sua própria imagem de modo a promover os próprios interesses. Veja Merold Westphal, *Suspicion and*

A maioria das pessoas, quando pensa em “ídolos”, tem em mente estátuas em sentido literal — ou o próximo astro *pop* ungido por Simon Cowell. Todavia, embora a adoração tradicional a ídolos ainda ocorra em muitos lugares do mundo, a adoração interna a eles, que ocorre no coração, é universal. Em Ezequiel 14.3, Deus diz sobre os anciãos de Israel: “... estes homens deram lugar no *coração* aos seus ídolos...” (grifo do autor). Como nós, os anciãos devem ter respondido à acusação: “Ídolos? Que ídolos? Eu não tenho ídolo nenhum.” Deus estava dizendo que o coração humano toma coisas boas, como uma carreira profissional bem-sucedida, o amor, os bens materiais e até a família e os converte em coisas essenciais. Nosso coração as endeusa como o centro de nossa vida, porque, conforme pensamos, elas são capazes de nos dar significado e segurança, proteção e realização, se as alcançarmos.⁷

faith: the religious uses of modern atheism (The Bronx: Fordham, 1999). Antes negligenciado, o conceito tem recebido análise acadêmica séria e inovadora de dois eminentes filósofos judeus, Moshe Halbertal e Avishai Margalit, em *Idolatry* (Cambridge: Harvard University Press, 1992). A partir desse trabalho, houve uma onda recente de estudos sérios sobre o assunto. Por exemplo, veja Stephen C. Barton, org., *Idolatry: false worship in the Bible, early Judaism, and Christianity* (London/New York: T&T Clark, 2007); G. K. Beale, *We become what we worship: a biblical theology of idolatry* (Downers Grove: InterVarsity, 2008) [edição em português: *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*, tradução de Marcus Throup (São Paulo: Vida Nova, 2014)]; Edward P. Meadors, *Idolatry and the hardening of the heart: a study in biblical theology* (London/New York: T&T Clark, 2006); Brian S. Rosner, *Greed as idolatry: the origin and meaning of a Pauline metaphor* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007).

⁷Na Bíblia, a idolatria envolve, sem dúvida, o ritual de adoração a deuses que não são o verdadeiro Deus de Israel. Ela significa curvar-se ou “beijar a mão”, ou fazer sacrifícios a deuses de outras religiões e nações (Êx 20.3; 23.13; Jó 31.26-28; Sl 44.20,21). Qualquer um que faça isso perde o direito à salvação divina (Jn 2.8). Mas a Bíblia deixa claro que não podemos restringir a

UM

TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS

A pior coisa que pode acontecer

A maioria das pessoas passa a vida tentando transformar em realidade os sonhos mais caros a seu coração. Mas a vida não é isso, “a busca pela felicidade”? Procuramos incessantemente modos de adquirir tudo o que desejamos e nos dispomos a sacrificar muito para alcançá-las. Nunca imaginamos que concretizar os desejos mais profundos do nosso coração talvez seja a pior coisa que poderia nos acontecer.

Minha esposa e eu certa vez conhecemos uma mulher solteira, Anna, desesperada por ter filhos. Ela, finalmente, casou-se e, ao contrário das expectativas dos médicos, conseguiu ter dois filhos saudáveis apesar de sua idade. No entanto, seus sonhos não se tornaram realidade. Sua compulsão esmagadora para dar aos filhos uma vida perfeita impossibilitou que desfrutasse deles de verdade. A superproteção, os temores e ansiedades e a necessidade de controlar cada detalhe da vida dos filhos tornaram a família infeliz. O filho mais velho tinha um mau desempenho na escola e dava sinais de problemas emocionais sérios. O mais novo vivia com raiva. Há uma grande possibilidade de que o ímpeto de Anna

em dar uma vida maravilhosa aos filhos fosse, na verdade, o que os arruinara. Concretizar o desejo mais profundo do seu coração talvez acabe tornando-se a pior coisa que poderia lhe acontecer.

No fim da década de 1980, Cynthia Heimel escreveu: “O instante em que alguém se torna uma celebridade é o mesmo em que se torna um monstro”, e em seguida citou o nome de três estrelas de Hollywood famosas que ela havia conhecido antes da fama. Aquelas pessoas que um dia tinham sido “seres humanos perfeitamente agradáveis [...] agora se tornaram seres supremos dotados de uma fúria terrível”. Cynthia prosseguiu dizendo que, sob a pressão da fama e do sucesso, o caráter de todos nós torna-se defeituoso e as desgraças ficam duas vezes piores que antes.¹ Você talvez fique curioso em saber quem eram essas estrelas dos anos 1980, mas não precisa. Neste exato momento, as primeiras páginas dos jornais exibem todo tipo de “nomes em negrito” vivendo os mesmos padrões. Os nomes mudam, mas o padrão é constante.

A inevitabilidade da idolatria

Por que, com tanta frequência, a concretização do desejo mais profundo do seu coração costuma ser um desastre? No livro de Romanos, Paulo escreveu que uma das piores coisas que Deus pode fazer às pessoas é “[entregá-las] ao desejo ardente de seus corações” (Rm 1.24). Por que o maior castigo imaginável seria permitir a alguém concretizar seu maior sonho? Porque nosso coração converte esses desejos em ídolos. No mesmo capítulo, Paulo resumiu a história da raça humana em uma frase:

¹*If you can't live without me, why aren't you dead yet?* (New York: Grove, 2002), p. 13. A citação apareceu primeiro em *The Village Voice*.

Sucesso, dinheiro, amor verdadeiro — a vida perfeita. Muitos de nós depositam a fé e a esperança nessas coisas, acreditando que sejam capazes de trazer a felicidade. No fundo, porém, sabemos que nada disso pode garantir satisfação plena. Por isso não é de surpreender que nos sintamos perdidos, solitários, desencantados e ressentidos. Só o Deus verdadeiro pode satisfazer totalmente nossos desejos, e este é o momento perfeito para encontrá-lo novamente... ou, quem sabe, pela primeira vez.


Em *Deuses falsos*, Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa — que consolidou a reputação de Keller como um dos pastores e pensadores cristãos mais influentes de nosso tempo —, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida.


Tim Keller é um desses pastores-escritores com a capacidade única de articular, em forma de narrativa, temas bíblicos de vital importância. Aliás, é isso o que mais aprecio nesse livro. É incrível como Keller usa histórias bíblicas conhecidas de todos nós, para mostrar como seus personagens estavam roubando a glória de Deus por causa da idolatria. Recomendo esse livro a todos os cristãos. Tenho certeza de que, ao lê-lo, você perceberá que seus anseios transcendentais só podem ser satisfeitos pelo Deus transcendente.


Erik Raymond, pastor da igreja Redeemer Fellowship Church, em Boston, colunista do The Gospel Coalition e autor de *Gospel shaped outreach* e *Is hell for real?*


VIDA NOVA

vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes

 @edicoesvidanova

 /edicoesvidanova

ISBN 978-85-275-0879-7



9 788527 508797